

Educar e cuidar com prazer: ou as relutâncias aventurosas do cotidiano profissional enquanto o sol continua em seu lindo brilho e calor

Alexandre Franca Barreto
alexandre.barreto@univasf.edu.br
Universidade Federal do Vale do São Francisco

Resumo

Este artigo tem o objetivo de realizar reflexões sobre a potência humana e as tensões entre o prazer e a dor. Este texto utiliza como inspiração algumas ideias de Freud, Reich, Lowen e Gandhi. O cenário para tal debate é a experiência profissional e pessoal do autor em dois contextos: um no âmbito da psicologia acadêmica, refletindo sobre a formação da psicologia no contexto universitário e da educação; outro, dialogando com reflexões advindas do trabalho de psicólogo com pessoas em situação de rua, no campo da saúde. Por fim, este artigo é um convite ao diálogo íntegro sobre caminhos da necessidade humana na busca por transcendência e prazer, no campo da saúde e da educação, mesmo diante de uma cultura da dor.

Palavras-chave: Prazer. Dor. Prática profissional.

Neste trabalho sigo a orientação de Nicolescu (2001) sobre o método transdisciplinar, procurando construir uma escrita implicada, intuitiva e rigorosamente orientada para o encontro humano, aberto, íntegro e profundo. Desta forma, não tenho a pretensão de produzir um conhecimento sistematizado, um saber comprovado pela comiseração empírica ou pela reiteração causal em larga escala de uma ordem.

É muito mais pelo simples prazer de articular conhecimento intuitivo com a única responsabilidade de exercitar a sinceridade com que minha subjetividade se depara com a vida, com os sonhos e com o meu fazer psicológico qualificado. O prazer, entendido neste momento, como o laço que nos une aos nossos corpos, à realidade e às nossas redes de trabalho e amizade (Lowen, 1970).

O objetivo principal deste texto é alimentar a potência humana e contribuir para fortalecer as indagações e o percurso de profissionais da saúde e da educação que almejam referenciar-se nos quatro pilares da educação no terceiro milênio (aprender a aprender; aprender a fazer; aprender a conviver, e; aprender a ser), proposto pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura - UNESCO (Nicolescu, 2001).

Destaco ao longo do texto algumas observações colhidas na experiência de trabalho com moradores de rua e na formação acadêmica da psicologia, produzindo um diálogo de minha subjetividade com a cultura que tecem mutuamente a realidade.

Este texto tem adiante mais quatro partes. A próxima comenta um pouco mais sobre o método que adotei neste estudo, havendo uma fusão intencional sobre conhecimento, método e campo, há ainda uma imanência entre pesquisador e pesquisado diante de um eixo reflexivo central o pêndulo prazer-dor.

Em seguida procuro aprofundar um pouco mais as reflexões sobre dor e prazer na realidade que

habito. Essas reflexões se dão em diálogos com as pessoas e a literatura científica na intenção de clarificar ainda mais os dilemas atuais que a experiência de prazer e dor nos incuti.

Na terceira parte procuro trazer exemplos cotidianos de ações, experiências e histórias de vida que traduzem o nosso dilema de dor e prazer na vida profissional e pessoal. Estes exemplos são dialogados com contribuições de Reich, Lowen e Gandhi. Por fim, deixo algumas reflexões e questões finais sobre o cotidiano como lócus de prazer e transcendência de nossa prática profissional e pessoal.

Indissociabilidade do conhecimento: dor e prazer na pele

O conhecimento intuitivo, na perspectiva de Bergson (1994), nos remonta a uma produção que emerge da experiência, em harmonia com o mundo, sem a pretensão de controlá-lo ou predizê-lo, mas simplesmente aliar-se com a natureza, lançando um olhar simpático e profundo que nos aproxime da verdade, transcendente e infinita.

Para atingir este objetivo, o estilo de linguagem adotado nesta comunicação espelha-se na autoetnografia, que integra a experiência pessoal, profissional e política em uma única atuação crítica, elegendo o corpo como lócus de consciência acadêmica e alfabetização profissional. Esta forma de expressão tem sido protagonizada nas últimas duas décadas através de estudos e relatos qualitativos no campo das ciências sociais (Reed-Danahay, 1997; Spry, 2001, Barreto, 2011).

Minhas leituras de Freud são mesclas de encanto e inquietações, que ora vibram nas ondas do sofisticado raciocínio psicanalítico, ora entoam nas ondas daqueles sem escolarização acadêmica.

Isto talvez remonte minha prática profissional cotidiana, que ora estou dentro do ambiente acadêmico como docente (com passagem de dois anos pela Universidade Federal de Pernambuco e há pouco mais de três anos na UNIVASF) facilitando aulas de estudantes de psicologia e outros cursos no campo da saúde. Ora estou no campo da prática, onde fiz atendimentos nas ruas do Recife⁵ e atuando na comunidade do Alto da Maravilha em Juazeiro-BA em Projeto de Extensão destinado a usuários do Sistema Único de Saúde (atualmente desenvolvo esta atividade).

Nem a mais exata previsão psicanalítica, durante sua erupção científica a cerca de um século atrás, suporia uma psicologia na rua (um divã nas sombras das árvores, em terrenos abandonados, em guaritas, na guia das calçadas e onde mais possa haver um ensaio sobre encontros sinceros e genuínos para a vida, sem tempo previsto, sem reencontro acordado, sem custos financeiros individuais). Assim também, como nem a mais desmedida ação humana atua fora das leis cósmicas de nosso universo. Os instrumentos de dor, morte, tortura, sofrimento, alegria, loucura, amor, todos se encerram em um mesmo cenário onde há um céu, uma terra, um sistema cósmico, um momento de vida aonde possa supor arrependimento ou alívio e, enfim, a sua continuidade, o porvir.

Nossa cultura e subjetividade é esculpida neste cenário apoteótico, de vibrações intensas e coloridos mil, que a asfixia monótona do cotidiano, transfere o cinza para a aquarela dos dias e entroniza o débil manquejar dos sons, ruídos, relacionamentos frustrantes que em larga escala produzem nossos sistemas de vibração de medo, raiva, indiferença e doença.

5 Cidade onde residi anteriormente e estava vinculado a um Programa Municipal de Educação Social de Rua atuando com as pessoas em situação de rua.

Eu, nesta vida, tenho apenas 30 anos e a certeza que no próximo ano não serei como este e sucessivamente, vivo ou morto, ou desencarnado, ou em energia sutil, na matéria ou no etéreo. Há pouco tempo, eu tinha dores nas costas que me acompanhavam por anos (que às vezes ainda teimam em aparecer), e com isso foi fácil de descobrir quantas outras pessoas também a tem, e pasmem, não são poucos os casos de pessoas que tem há 20, 30, 40 ou mais anos, que já não se lembram o que é viver sem dor. As dores de coluna se misturam com as cefaléias, as alergias, as gastrites e prisões de ventre, o que mais me choca é que mecanicamente, ao perguntar sobre como estão, a palavra é: “estou bem”; eu, por enquanto continuo “caminhando”.

Freud em seus estudos clássicos sobre histeria de conversão já constatou que o corpo responde as desordens emocionais de uma maneira relacional. Reich aprofundou ainda mais estes conceitos chegando a analisar desde tensões musculares localizadas até a relações entre o câncer e as emoções (2004; 2009), de modo que hoje há um vasto trabalho que passa pela Medicina Psicossomática e a Psiconeuroimunologia, explorando a estreita relação corpo-mente.

Esta expressão das dores físicas são sintomas de neuroses interpretadas subjetivamente e em larga escala como maus necessários à vida, as pressões e as tensões hereditárias, que transcendem as visões de mundo, tropeçando no esquecimento do viver em comunhão consigo, com a natureza e com os outros. Como que para conviver precisasse ter uma perna quebrada ou alguns dos sintomas acima descrito, além da enorme lista de doenças que nosso organismo pode se apropriar, mas apesar disso, como diz Arnaldo Antunes na música Pulso após enunciar inúmeras doenças e sentimentos que padecemos: “O pulso ainda pulsa; e o corpo ainda é pouco”.

A constatação desta realidade pode ser vista através dos Relatórios da Organização Panamericana de Saúde e da Organização Mundial de Saúde atestando que nunca houve antes no mundo tantos pacientes portadores de doenças crônicas e a estimativa para 2015 é que esta proporção aumente mais ainda. Mais de 60% de todas as mortes em nosso país são relacionadas a doenças crônicas. Até 2015 o país registrará um aumento de 82% de mortes por diabetes. A OMS estima que o Brasil perca cerca de três bilhões de dólares ao ano de toda a sua produção nacional devido a mortes prematuras por doenças do coração, acidente vascular cerebral e diabetes (OPAS, 2007; OMS, 2005).

Nos meus encontros com estudantes da universidade (jovens que estão em um momento impar de fertilidade e abertura), com pessoas que habitam às ruas, e, também por vezes, quando me olho no espelho, ainda percebo a máxima implícita de que o sofrimento é condição inerente para o gozo.

As dores se perpetuam: através do meu espelho, quando percebo a simplicidade de viver o prazer e minhas ainda complicações de aprendê-las; pelas lições típicas de sala de aula, onde a teoria e a prática mantêm a contradição entre o saber e o fazer, operando na dissociação do ser, e ainda; com os moradores de rua que avançam em suas andanças subjetivas, quando sentem visceralmente as dores de seu corpo gritando sobre as incoerências de suas escolhas, na errância perpetua de nossos seres e cultura.

Para Lowen, não há biologicamente ou culturalmente um estado neutro, sentimos algum nível de dor ou de prazer. A dor é sinal de alerta que algo não vai bem, já o prazer indica uma sensação que flui a partir do processo contínuo e evolutivo da vida (1970).

Assim, minhas observações itinerantes querem traduzir nestas linhas a minha concordância com o princípio de prazer comunicado por Freud (1990), elemento inerente a nossa condição

humana como sensação contínua da satisfação de nossas necessidades. Mas como aponta Lowen, para além de nossas necessidades, o prazer caminha com nosso desenvolvimento e vitalidade.

Minhas simples observações mostram que o princípio de prazer não fica aquém do que vivemos hoje (perigoso para nossa cultura), mas além (transformador e evolutivo), e aquém nos encontramos por ainda não conseguir acessá-lo (sacrificando o nosso corpo e o nosso cotidiano).

No pêndulo entre a dor e o prazer, encontramos arraigados na margem sofrida, imbuídos de séculos de conhecimento que entronizam tecnologias desgastadas pelo exercício desumano, contribuindo simultaneamente para a manutenção da ignorância intelectual e a miséria humana.

A princípio pensei em fazer uma crítica sistemática ao texto freudiano, mas percebi que seria um desprazer e uma reiteração explícita de uma prática desgastante e narcísica. E meu desejo não é de assim o fazer, mas de comungar com a sabedoria e a exploração freudiana, acolher as dores de sua época, de seus desígnios e de sua vida, sem acreditar que assim o é, mas que assim foi. Por fim, me harmonizar no princípio de prazer e no mais, não me preocupar com aquelas coisas, que hora avalio menos importante, para o que pretendo compartilhar.

Além ou aquém do prazer é nossa realidade?

“As experiências do prazer e da dor determinam nossas emoções, pensamentos e comportamentos” (Lowen, 1970:11)

Pela simplicidade das observações cotidianas podemos acreditar que hegemonicamente nossa realidade social, coletiva e nossa produção intelectual sobre a realidade, ou “a verdade científica sobre a realidade” é dolorosa. A angústia, a tristeza, a dor, a doença e a ansiedade são pontos cardinais em nosso *modus operandi*, são marcas de termômetro que demonstram a febre endêmica que povoa e silencia a integridade do ser.

Sem números de exemplos são poucos para explicitar esta observação inquietante, mas para uma rápida constatação podemos ligar a televisão, assistir meia hora de qualquer programa e observar o que se passa lá na tela e nos comentários de quem a assiste. Ou ainda, ouvir as músicas e notícias pelo rádio, ou levar um sincero olhar interior para sua história e a história das gerações de sua família. Só falta eu dizer que é “batata” isto estar presente na história de moradores de rua, bem como dos estudantes que buscam se formar para cuidar dos sofrimentos individuais e coletivos de nosso tempo.

Percebi que desde cedo em minha história (com muita ajuda de psicoterapias), assim como visualizo em histórias de outros que o *limiar do ser está na dor*, ou no desprazer, com vínculos estreitos com o intolerável, o insuportável. Assim, a maioria de nós vive esta desmedida na intensidade do corpo, da *psiquê* e do espírito, no trânsito de nossa cidade, na quantidade de trabalho que realiza e acumula, nas demandas de atualização e estudo, nas demandas de drogas e atividade física, nos relacionamentos amorosos e íntimos, enfim, este é o senso comum que alguns afortunados (longe de ser financeiramente) conseguem escapar por opções destoantes do ciclo vicioso de nossa cultura.

Humanamente é impossível sentir prazer na dor do outro, uma simples máxima que remete a certeza que a dor do outro (seja na morte, no assassinato, na cobrança, na vingança) pode provocar um “pseudo prazer” se encerra no instante seguinte ao retorno da sua integridade.

O que há é apenas uma descarga energética em desarmonia, que ao invés de relaxar, reforça o tensionamento operante, os estudos clássicos reicheanos⁶ já constataram esta observação (2004).

Na economia sexual estes atos representam a ejaculação sem o orgasmo. Na economia psíquica representam a satisfação parcial e momentânea de uma ideia e/ou percepção, que quando integrada ao todo se esvai no desequilíbrio e desarranjo das partes do corpo e da consciência. No plano social, se expressa na desigualdade dos segmentos sociais, nações, sexos, raças/etnia, na destruição ambiental, impactando na auto-destruição humana, na produção de misérias emocionais e na desarmonia ecológica com impactos agressivos nas respostas ambientais. No plano cósmico, há a redenção e revolta diante do acaso, do azar, da sorte com a impossibilidade de prever situações e conseqüências evidentes para o desencadeamento de suas vidas, rendendo-se a justificativa materialista do Deus desumano; esta expressão reflete o distanciamento da sabedoria integrativa e do senso de parte singular do todo, rechaçando as reflexões e descobertas no campo epistemológico da física quântica, da Complexidade e Teoria Sistêmica (Capra,2002; Grof, 1987).

A psicologia acadêmica e os moradores de rua: “aprendendo na dor”!

Para não sofrer tanto, e andar por aí esquizóide⁷, meu exercício de contato e integração se faz por onde passo, meu roteiro é aprender com os outros estimulando a autodescoberta. Assim, sou partícipe que se expõe e aprende, me despindo gradativamente de minhas errâncias que se refletem nesta própria escrita.

Mas enfim, um elemento hegemônico e constante na psicologia acadêmica e nos moradores de rua, é que ambos parecem aprender na dor. Não acho que isto seja necessariamente expressão masoquista, manifesta ou latente, mais simplesmente uma limitação de como opera nosso “princípio de prazer”, numa sujeição em larga escala da tolerância à “pseudo realidade”, ou a adaptação naquilo que “não está bom”.

Eu tenho um hábito, “deveras estranho” para as salas de aula, muitas vezes ao iniciar a atividade, peço para que as pessoas entrem em contato internamente e digam como estão se sentindo⁸. Soube através de muitos/as estudantes, que às vezes entra ano e sai ano, e nem se percebem como estão.

Eu também tenho o costume de investigar sutilmente os incômodos, para que as pessoas possam se empoderar das causas e assim atuarem de forma consciente sobre ela. Não por acaso, descobri que uma das causas secundárias é nossa estrutura de ensino. Quando estava em minha graduação eu não ligava muito para minhas dores nos ombros, mas agora me incomodo, ainda mais quando tenho uma visão faraônica da dor nos ombros sendo institucionalizada na juventude que deveria aboli-la.

6 Reich em seus estudos sobre estruturas de caráter e cultura dedicou-se a uma profunda e consistente crítica as pessoas conceituadas como “sádicas” e/ou “masoquistas”, e ainda sobre as manifestações violentas e destrutivas. A pretensa do que parecia a princípio nos estudos analíticos (pessoas que sentem prazer na dor do outro ou de si), “toda ação destrutiva aparentemente arbitraria é uma reação do organismo à frustração da satisfação de uma necessidade vital” (2004:140). Neste sentido, a dor é uma expressão válida só enquanto uma tentativa agonística de preservar a integridade do sujeito. Sendo errado entendê-la aqui neste artigo como fonte de prazer.

7 Ao referir o termo esquizoide quero enfatizar duas características deste traço de personalidade: a “desconexão com a realidade” e sofrimento subjetivo intenso.

8 Sobre este hábito agradeço muito ao Libertas Comunidade, espaço de Pós Graduação (www.libertas.com.br), e, aos facilitadores do Curso de Psicologia Clínica. A partir dos mesmos passei a reconhecer a potencia da “presença consciente” das pessoas no processo educativo.

Além dos pesos excessivos, compartilho da intimidade de alguns colegas, acadêmicos da Psicologia e de outras disciplinas, Doutores, e sem ir muito afundo em suas vidas, percebo como o peso que distribuem para os estudantes é apenas uma pequena parcela de que carregam em seus ombros, em suas cabeças, em suas costas manquejadas, e nas intempéries afetivas da intelectualidade pueril, que quanto mais se publica, mais desatualizado está, mais dores acumula.... enfim, vou parar pois já estou somatizando isto também!

Bem, os intervalos acontecem nas viroses e ou situações que chacoalham sua vida, um grande amigo Doutor, com sólida carreira acadêmica na Psicologia, me confidenciou que após cair na cama com febre algumas vezes, resolveu reduzir o seu ritmo. Por “reduzir o ritmo” eu entendi repensar seus hábitos, construir outros ritmos, mas talvez radicalmente não haja ainda um corte, mas apenas um reconhecimento de sua incapacidade de acompanhar a “normalidade” do mundo.

Alguns estudantes também manifestam este sentimento, em alguns casos percebo que não padecem no adoecimento e antes se direcionam para algum trabalho de autocuidado pessoal, mas ainda há aquelas/es que exaurem suas forças energéticas até o adoecimento.

Como é simultaneamente simples e estranho ver que a psicologia forma na e pela dor, e seus prazeres advém do sacrifício confundido pelo esmero das notas e elogios pela qualidade estética e sua performance acadêmica.

Ainda bem que existem as fugas, cada vez mais contínuas deste modelo!

As pessoas que estão em situação de rua, em muitas vezes se dispõem em sair da rua e mudar alguns hábitos (como por exemplo, o uso diário de drogas) após passarem por alguma experiência de adoecimento e/ou dor profunda que marca seu aparelho psíquico e continuamente seu corpo físico. Um exemplo disso, foi o “Seu Vado”⁹ que morou na rua por aproximadamente 20 anos, após não suportar o agravo de uma elefantíase que lhe acompanhava abertamente na perna esquerda (já após a amputação da perna direita), foi levado ao hospital para receber os cuidados médicos necessários. Neste instante, também emergiu em Vado reflexões sobre sua condição de vida, seus projetos pessoais, outras possibilidades de cuidado e existência. Assim, ele resolveu retornar para o espaço do domicílio familiar e, em seguida, conseguiu seu próprio domicílio.

Juca, outra pessoa que esteve em situação de rua por mais de 5 anos, resolveu sair da rua, parar de usar o crack (e outras drogas) e realizar sua conversão religiosa, após ter tido uma crise de erisipela, acompanhado por duas semanas de febre intensa e uma hanseníase em estado avançado. São inúmeros os exemplos como moradores de rua que reataram laços familiares, transformaram seu rumo e sua condição social após situações de intensa dor e sofrimento. Em curto impacto, eu também acompanhei alguns moradores de rua alcoolistas, que durante o efeito da ressaca transformam seus hábitos por algumas horas e às vezes dias.

Estas observações aliadas a inúmeras outras que acontecem cotidianamente em meus trabalhos apontam para uma fixação em estados de desprazer que limitam o nosso potencial energético na construção de bem comum, por uma sujeição implícita ou explícita a uma realidade construída interna e externamente na dor e subjugação humana. A este respeito Reich comenta que “a tendência destrutiva cravada no caráter não é senão a cólera que o indivíduo sente por causa da sua frustração na vida e da sua falta de satisfação sexual” (2004, p.133).

9 Todos os nomes utilizados aqui serão fictícios com a finalidade de preservar a intimidade daqueles que tanto ofertaram aprendizagens humanas a mim, bem como como também tenho a intenção de respeitar os preceitos éticos da pesquisa.

À custa desta interpretação, observamos as constantes ondas de desprazer que desembocam em conflitos psíquicos cotidianos, incertezas e inseguranças que promovem a relativização do insuportável e intolerável.

Por estes motivos as zonas de sofrimento humano, psíquico e moral que atravessamos em nosso cotidiano são delimitadas por histórias de traição, violência física e psicológica, perdas irreparáveis, traumas de inúmeras ordens que aprisionam na dor e produzem substitutos efêmeros e viciosos.

O prazer enquanto uma sensação psicossomática de excitação e relaxamento com sua reverberação no corpo subjetivo e social, cada vez mais se distancia de um guia cotidiano (implícito ou explícito) das atitudes e meios de vida e passa a ser um objetivo “idealizado” e longínquo.

Ainda na perturbação da socialização primária e secundária atordoada pelas irrupções contemporâneas, o objetivo se transforma em habitar o limiar do suportável. E como se fôssemos um barco que sem saber qual porto atracar, segue várias rotas sempre com a sensação de incompletude tão bem anunciada por Freud. Ainda seguindo a metáfora, nos abdicamos do prazer de deslizar pela superfície líquida, de contemplar e tornar-se paisagem no horizonte da criação diária, para poder viver a ilusão que quando chegarmos ao nosso destino planejado a vida será melhor (Lowen, 1970)¹⁰. A este respeito, Caetano Veloso na composição “Os Argonautas” canta sabiamente: “O porto não! Navegar é preciso, viver não é preciso”.

Aqui há uma grande questão enunciada por Reich, quando formulou uma estrutura psíquica de caráter, que estaria fora do campo das neuroses e psicoses. Para Reich a estrutura de caráter genital, transcendia as anteriores como uma estrutura saudável, desprovida das perturbações emocionais e repressões sociais que limitam a plenitude humana. Reich se apoiou na história ocidental para ilustrar alguns personagens da humanidade que para ele conseguiram viver com a plenitude das faculdades humanas. Para Reich, Jesus e Lênin são dois deles que estavam disponíveis para amar profundamente e se entregar as relações de forma íntegra e prazerosa (o amor aqui pode ser entendido como uma predisposição biológica dos mamíferos, condição indispensável para a saúde humana, tal como pontuado por Maturana (2009), somos seres de natureza amorosa).

Porém, em nossa economia psíquica do desprazer estagnamos em nosso desenvolvimento. Para Ghandi “a economia que ignora as considerações morais e sentimentais é como figuras de cera, que podem ser parecidas com a vida, mas carecem de vida genuína da carne viva. Em todos os momentos cruciais, essas novas leis econômicas fracassam na prática. E as nações ou indivíduos que as aceitam como máximas de orientação devem perecer”(1982, p.31).

Porém há uma rota humana e um porto para nós atracarmos que independe de bagagem científica e acadêmica ou de qualquer excesso material, não prescinde de erudição, sofisticação ou etiqueta. Este porto não é novidade para o humano, mas muitos de nós ainda não fizemos este percurso. Precisamos trafegar pelo oceano de nossos medos, nossas dores e dissabores,

10 Sobre este aspecto Lowen comenta: “em nossa cultura todos receiam o prazer (...) o poder se transformou no principal valor, reduzindo o prazer a uma satisfação secundária (...) Como, apesar de tudo, o prazer é a força criativa que sustenta a personalidade, a esperança (ou ilusão) do homem moderno é que, ao alcançar seus objetivos, terá uma vida de prazeres. Por causa disso, deixa-se levar pelo ego e persegue metas que prometem prazeres mais exigem uma recusa do prazer. A situação do homem moderno se assemelha à de Fausto, que vendeu sua alma a Mefistófeles em troca de uma promessa de prazer que nunca poderá ser cumprida. Apesar de a promessa de prazer ser uma tentação do diabo, o prazer não pode ser proporcionado pelo diabo (Lowen, 1970:10). Lowen mais adiante comenta: “o prazer é a origem de todos bons pensamentos e sentimentos. Quem não tem prazer corporal se torna rancoroso, frustrado e cheio de ódio. Seu pensamento torna-se distorcido e seu potencial criativo se perde” (1970:11).

localizar nossa imagem, passar pelo nosso ego, mergulhar em nosso interior, seguindo orientado pela bússola da integração, avistar cada pessoa em nós, cada partícula do universo na pequena e singular parcela de nosso ser. Seguir em cada metro e quilometro os ensinamentos do percurso, o ritmo das águas, o brilho do sol, da lua e das estrelas. Perceber o que incomoda como manifestação da dor do mundo em ti, interna e externa, construída por uma relação limitada da realidade.

Em busca do porto ou entregando-se ao cotidiano da vida criativa!

A pessoa criativa olha o mundo com uma visão nova. Não tenta resolver novos problemas através de antigas soluções (Lowen, 1970:220)

Percebo em mim o quanto mudei nesta vida (sou devir), como hoje sinto no meu cotidiano o arrepio aquecido do amor, da ternura e efervescência energética de minha mente e corpo que se aproxima nesta rota do prazer. Enquanto isso, vou observando que quanto mais caminho nesta direção há horizontes de expansão e me instigo em querer cada vez mais sentir e mediar este sentimento para o outro nas lições cotidianas do viver.

Ao ler histórias de personagens marcantes de nossa época e humanidade, partilho com Reich em seus dizeres sobre o caráter genital, percebo que alguns se destacam justamente pela capacidade e lucidez deste caminho cotidiano, sendo o próprio porto. Gandhi, quando criança e adolescente chegou a realizar pequenos furtos do seu irmão, tinha vergonha e desprezava as vestes tradicionais de sua cultura, discordava da rigidez de sua origem e a tradição das castas, ao acompanhar seu pai no leito de morte, desejou deixá-lo para ter relações sexuais com sua companheira, ao invés de permanecer juntos nos últimos momentos de sua vida.

Após viver conflitos tão corriqueiros e comuns de nossos dias ele conduziu um povo a sua dignidade, reagiu com a não-violência às brutalidades do mundo e foi exemplo vivo das capacidades transcendentais humanas regidas por uma serenidade prazerosa. Ao longo de seu desenvolvimento humano, Gandhi conseguiu ser guiado e levar inúmeras pessoas que o acompanhavam a uma escalada de valores profundos que representavam o habitar tranqüilo e sereno de seu ser.

Quando preso, Gandhi por várias vezes aproveitou este tempo de maneira produtiva para atividades intelectuais e de autoconhecimento, sem alimentar o cotidiano doloroso com a busca de um prazer fora do cárcere, aproveitou sua experiência para libertar-se de prisões internas e fortalecer sua sabedoria, amorosidade e seus valores humanos.

Ao morrer, mesmo assassinado pelo regente desprazer estagnado em nossa cultura, manteve sua face serena sabendo as verdades que lhe aguardavam na seqüência de sua caminhada (Gandhi, 1999; Rohden, 1988).

Entre os estudantes, profissionais e moradores de rua percebo pedidos de cuidado, atenção e esperança na transformação das condições de sofrimento, este é um dos grandes motes do fazer psicológico. Talvez o que falta é mais “fé” em nós mesmos (no “milagre da cura”), mais sabedoria em nosso conhecimento, na transcendência de nosso ser e nosso modo de relação interna e externa, expandindo nossa percepção do mundo e de nós mesmos.

Seguindo minha investida reflexiva, que não se acaba aqui, me pergunto profundamente será que posso viver de modo diferente? Será que há como habitar outro território existencial, onde os instrumentos de navegação possam ser orientados pela alegria, amor, sabedoria e prazer? Que a estrutura seja estruturalmente acolhedora ao invés de angustiante? Será que posso viver

sem “apanhar para aprender”? Sem adoecer habitualmente para cuidar de minha saúde? Sem destruir o ambiente e explorar os outros para sustentar a mim, minha família e comunidade? Será que posso aprender com a lua, as estrelas e o éter?

Eu sinto que sim... e é por aí que sigo cada vez com um pouco mais de fôlego, agradecendo as belas companhias que me ajudam a respirar (inspirar e expirar) o cotidiano, ora recebendo suporte e acolhimento, ora suportando e acolhendo pessoas e grupos.

Estas perguntas, feitas a pouco, podem ser um belo guia para nós profissionais da saúde e da educação, para não reproduzirmos questões que criticamos cotidianamente, para que possamos ir além da retórica e do discurso politicamente engajado, para passar ao ato de ensinar pelo exemplo e pela experiência, elemento imprescindível na pedagogia freireana (1999) e loweniana (1970), seguindo as diretrizes atuais da UNESCO.

Por fim, com o arcabouço reflexivo destas páginas, acredito que a experiência de prazer e transcendência de nosso modelo de cuidado e educação, deve ser instaurada no cotidiano como meio de transformação, cabe a nós educadores e profissionais da saúde, honrar nossa história, nossos mestres e/ou educandos, através de exemplos de integridade e respeito profundo, de forma que a vida cotidiana possa restaurar o colorido do arco-íris, ofertando o um caminho visível e belo entre a chuva e o sol, entre a luz e a escuridão de nosso tempo.

Referências

Attenborough, R. As palavras de Ghandi. Record: Rio de Janeiro, 1982

Barreto, A.F. Sobre a dor e a delícia da atuação Psicológica no SUAS. *Psicol. cienc. prof.*, Brasília, v. 31, n. 2, 2011. Disponível em <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932011000200015&lng=pt&nrm=iso>. Acessado em 21 maio 2012.

Bergson, H. A Intuição Filosófica. Lisboa: Edições Colibri, Col. Universalia, Lisboa, 1994.

Capra, F. O Ponto de mutação. 28 ed. São Paulo: Cultrix, 2002.

Freire, P. Educação como prática da liberdade. 23 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.

Freud, S. Além do princípio de prazer (1920). In: Freud S. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1990.

Gandhi, M. K. Autobiografia: minha vida e minhas experiências com a verdade. São Paulo: Palas Athena, 1999.

Grof, S. Além do cérebro. Nascimento, morte e transcedência em psicoterapia. São Paulo: McGraw-hil, 1897.

Lowen, A. Prazer: Uma abordagem criativa da vida. São Paulo: Círculo do Livro, 1970.

Maturana, H. e Dávila, X. O grande, o pequeno, o humano – reflexões prévias à saúde. In:

Pelizzoli, M e Liimaa, W (Orgs.). O ponto de mutação na saúde: A integração Mente-Corpo. Editora UFPE: Recife, 2009.

Nicolescu, B. O manifesto da transdisciplinaridade. São Paulo: Trion, 2001.

Organização Pan-Americana de Saúde (OPAS). Prevenção de Doenças Crônicas um investimento vital. Washington, D.C.: Organização Mundial da Saúde(OMS), 2005.

Organização Pan-Americana da Saúde. Saúde nas Américas. Washington, D.C.: OPAS, 2007.

Reed-Danahay, D. E. Introduction. Auto/ethnography: Rewriting the self and the social. New York: Berg, 1997.

Reich, W. A função do Orgasmo. Brasiliense: Rio de Janeiro (Trabalho original publicado em 1927), 2004.

Reich, W. A biopatia do câncer. São Paulo: Martins Fontes. (Trabalho original publicado em 1948), 2009.

Rohden, H. Mahatma Gandhi: idéias e ideais de um político místico". São Paulo: Alvorada, 1988.

Spry, T. Performing Autoethnography:An Embodied Methodological. Praxis Qualitative Inquiry. 7 (6), 706-732, 2001.